

Cliticização do item *-mente* no português do século XVIII

Cliticization of the suffix *-mente* in the Eighteenth-Century portuguese

Aléxia Teles Duchowny*
Júlia Maria Couto da Costa*

RESUMO:

O item *-mente*, do lat. *mens, mentis* ‘espírito, alma’, participa da formação de advérbios na grande maioria das línguas românicas. No português setecentista escrito no Brasil, apresenta-se ligado graficamente ao substantivo anterior a ele sob três formas: com um espaço em branco, com um hífen ou sem espaço algum. Assim, testa-se a hipótese de que esse item estaria com sua cliticização finalizada já no século XVIII, utilizando-se como *corpus* estatutos e compromissos de irmandades e termos de devassa do estado de Minas Gerais, Brasil. Para tal, é preciso utilizar-se do arcabouço teórico-metodológico não apenas da cliticização, mas também da gramaticalização. Conclui-se que, no português do século XVIII, o *-mente* estava no fim de seu processo de cliticização, mas que esse processo ainda estava em curso, devido ao número pequeno, mas ainda existente, de advérbios em que há separação gráfica entre o item, analisado com um afixo, e o substantivo ao qual está relacionado.

PALAVRAS-CHAVE: item *-mente*; português do século XVIII; advérbios; cliticização; gramaticalização.

Recebido em 17 de fevereiro de 2022

Aceito em 30 de setembro de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1046>

*Universidade Federal de Minas Gerais, alexiateles@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4796-9762>

**Universidade Federal de Minas Gerais, juliamaria244@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-4745-0802>

ABSTRACT:

The element *-mente*, from Latin *mens, mentis* "spirit, soul," is involved in the formation of adverbs in the vast majority of Romance languages. In Brazilian Portuguese, written in the 18th century, the element is graphically connected to the preceding noun in three ways: with a space, with a hyphen, or without a space at all. We test the hypothesis that the cliticization of this item was already completed in the 18th century, using as corpus statutes and obligations of fraternities and "devassa terms" from the state of Minas Gerais, Brazil. For this purpose, it is necessary to use the theoretical and methodological framework not only of cliticization, but also of grammaticalization. It is concluded that the Portuguese *-mente* in the 18th century was at the end of its cliticization process. However, this process was still ongoing, as there were a small but still present number of adverbs where there was a graphic separation between the element and the noun it refers to.

KEY WORDS: element *-mente*; 18th century Portuguese; adverbs; cliticization; grammaticalization.

Introdução

As formações em *-mente* são próprias de quase todas línguas românicas, excetuando-se o romeno (MAURER, 1959). O elemento *mente*, no latim, se apresentava como um substantivo, qualificando-se em categoria mais lexical, passando a assumir, no português, a forma de clítico e, em seguida, de afixo, qualificando-se de forma mais gramatical. Para Graça Rio-Torto (2016, p. 391), em relação ao português europeu contemporâneo, "o adverbializador *-mente* tem origem no nome latino *meNs, meNtis*, e combina-se predominantemente com bases adjetivais". Alguns exemplos propostos pela autora: "alegremente, amplamente, capazmente, certamente, corretamente, diretamente, facilmente".

No caso dos advérbios em *-mente*, "o ablativo *mente*, sempre posposto a um adjetivo, ter-se-ia cliticizado, se incorporado encliticamente ao núcleo precedente, perdendo sua independência fônica e mórfica, criando em português um instrumento gramatical, um sufixo" (COHEN, 2010, p. 60). A união *do -mente* ao elemento anterior a ele aumenta o grau de coesão

do advérbio, e essa coesão se relaciona com o processo de *cliticização*, que consiste na transformação de uma palavra em um clítico. Por sua vez, os clíticos, de acordo com Vigário (1998, p. 577), são itens que “apresentam tanto comportamentos de palavras como comportamentos de afixos”, isto é, os clíticos podem assumir formas autônomas, como de palavras, ou formas que se unem a uma unidade diferente para a formação de uma outra unidade completa.

Portanto, este trabalho propõe a seguinte pergunta: qual a situação da cliticização dos advérbios em *-mente*, no português do século XVIII? Eles já teriam finalizado seu processo de cliticização? Para responder a isto, o objetivo principal do trabalho foi analisar o *-mente* no português do século XVIII, sob a perspectiva da cliticização, tendo como *corpus* as edições conservadoras dos seguintes documentos mineiros: *Estatuto de Nossa Senhora do Amparo* (SA - 1782 - Abreviação que será usada ao longo do texto e data do documento), *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês* (SM - 1781), *Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento* (SS - 1785), *Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco* (SF - 1778), *Termos de devassa* (TD - 1750) (DUCHOWNY; COELHO, 2013).

Os advérbios em *-mente* encontrados foram os seguintes, em ordem de aparição, sem apontamento das repetições e da variação ortográfica (o detalhamento do número de ocorrências será indicado no momento da descrição dos dados):

a) Estatuto de Nossa Senhora do Amparo (SA - 1782): *prontamente, perigozamente, gravemente, exatamente, sumamente, prontamente, privativamente, sómente, inteiramente, imediata-mente, originalmente, legalmente, fiel-mente*;

b) Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês (SM - 1781): *desente mente, nouamente, principal mente, primeiramente, anual-mente, fielmente, diariamente, geral mente, mayor/mente, exactamente, somente, inteiramente* (Total: 14 ocorrências);

c) Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento (SS - 1785): *exatamente, somente, inteiramente, fielmente, anualmente, finalmente,*

notavelmente, somente, prontamente, certamente, ocultamente, igualmente, facilmente (Total: 17 ocorrências);

d) Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco (SF - 1778): *unanimamente, canonicamente, voluntariamente, respectivamente, legitimamente, indispençavelmente, prontamente, ásperamente, amigavelmente, justamente, severamente, novamente, imediatamente, espiritualmente, irremicivelmente, igualmente, secretamente, humildemente, escandalosamente, publicamente, particularmente, inteiramente, principalmente, facil-mente, especialmente, inviolavelmente, decentemente, somente, solemnemente, geralmente, prontamente, notoriamente, inteiramente, asperrimamente, desonestamente, ultimamente, bocalmente, expecialmente, individualmente, inteiramente, livremente, eficazmente, juntamente, indefectivelmente, finalmente, bastantemente, indispençavelmente, validamente, necessariamente, prudentemente, exccecivamente, culpavelmente, verdadeiramente, continuamente, separadamente, infalivelmente, directamente, prudente, só* (Total: 122 ocorrências);

e) Termos de devassa (TD - 1750): *paternal/mente, ordinariamente, pessoalmente* (Total: 11 ocorrências).

Alguns exemplos em seus contextos (destaques nossos):

a) enela apresentará as Contas do que segastar, e ter cuidado de aplicar ao Procurador para Cobrar o que se deve a hermandade, e assistirá a todos os actos dela para ter **prontamente** o que for necesario (SA; 2v-68)

b) selhe Remeterá culpa assignada pella Meza, e juntamente nomeação que se fez de novo Commissario, devendo antes de tudo ser ouvido em Meza o dito Reverendo Commissario, o qual fôr cará exercendo o seu emprego, até a aprovação **donova mente** nomeado. (SF; 27r-1361)

c) e juntos todos, apontará o Provedor para seu cargo tres Irmãos dos mais abastados, e benemeritos; o que **igual-mente** praticarão os outros Officiaes. (SS; 16-474)

Logo, foram propostos os seguintes objetivos específicos em relação ao *-mente* setecentista:

a) compreender o processo de *cliticização*;

- b) verificar se o processo de *cliticização* já estava finalizado;
- c) aplicar a proposta de Cohen (2010) ao *corpus* (cf. Metodologia).

Com isto posto, será feita a apresentação dos estudos utilizados como arcabouço teórico-metodológico para o entendimento do processo de cliticização do *-mente*, sendo um deles o processo de gramaticalização. Assim, no Referencial teórico, serão apresentadas a relação entre a gramaticalização e os advérbios em *-mente*, para em seguida se discutir a cliticização. Em seguida, tem-se a metodologia empregada para a investigação para, depois, os dados serem descritos e analisados, chegando-se, finalmente, aos resultados.

1. Referencial teórico-metodológico

A seguir, serão relacionadas a proposta da gramaticalização e da cliticização em relação ao item *-mente*.

1.1 A gramaticalização e o item *-mente*

A gramaticalização pode ser considerada como a transformação de um item que percorre “um caminho do léxico para gramática” (ALMEIDA, CARVALHO E SILVA, 2008, p. 42), não acontecendo de forma rápida. Em outras palavras, para Traugott (2003, p. 626), os processos de gramaticalização “ocorrem essencialmente de maneira gradual e variável. Eles ocorrem por meio de pequenos passos ou mudanças paramétricas, e não por meio de saltos abruptos”¹.

Na língua portuguesa, os advérbios terminados em *-mente* sofreram um processo de gramaticalização, uma vez que houve uma mudança que resultou na definição dos itens terminados em *-mente* como advérbios, onde

1 No original: “Grammaticalization phenomena are essentially gradient and variable. They proceed by minimal steps, not abrupt leaps or parametric changes”.

-mente assume posição de afixo na construção, sendo mais gramatical. Antes, no latim vulgar e no português antigo, esses itens assumiam formas separadas, mais lexicais. Ou seja, “um item lexical, substantivo, migra para uma categoria gramatical, sufixo” (CAMPOS, 2011, p. 117). Para este autor, as locuções adjetivo + *mente* começaram a sofrer gramaticalização já no latim medieval (p. 111).

Almeida, Carvalho e Silva (2008, p. 42-43) afirmam que, até o momento mais recente, a gramaticalização desses itens possui três etapas, propondo uma escala:

1ª etapa (latim vulgar): emprego de um processo analítico, que consistia em tomar um adjetivo na forma feminina e juntar-lhe o substantivo *mens, tis*, significando *espírito, mente*, como, por exemplo, *bona mente factum*.

2ª etapa (português antigo): emprego de dois elementos separados, como, por exemplo, *cortês mente*.

3ª etapa (português atual): *-mente* parece ter se tornado um sufixo que pode ser acrescido a uma significativa parcela de adjetivos, formando advérbios.²

No primeiro momento, *-mente*, como forma substantiva, aparecia separadamente do adjetivo feminino no latim vulgar. Em seguida, no português antigo, a forma assumida foi um elemento (de classe variável) + *-mente* de forma separada. Por fim, no português atual, se comporta como advérbio. A partir destas considerações, serão vistos, a seguir, estudos acerca da *cliticização* do *-mente* segundo Cohen (2010) que complementam as análises do *-mente*.

2 Pode-se, inclusive, cogitar em uma 4ª etapa, a ser estudada em outro momento: no português contemporâneo da rede social *Twitter* (<https://twitter.com/TwitterBrasil>), por exemplo, encontram-se advérbios em *-mente* que podem ser acrescidos de outras classes gramaticais, como substantivos e advérbios. Alguns exemplos: *apenasmente, bolsonaramente, derrepentemente, emboramente, fofocamente, internetmente, tudamente*.

1.2 A cliticização

De acordo com P. Matthews (1997, p. 56), a *cliticização* pode ser definida como “um processo sintático ou uma mudança linguística em que uma palavra se torna um clítico”³. Por sua vez, clítico é “um elemento gramatical tratado como palavra independente na sintaxe mas que forma uma unidade fonológica com a palavra que o precede ou que vem em seguida a ele.” Para Silva (2011, p. 74), “o clítico tem proeminência acentual fraca, sendo dependente do acento primário da palavra adjacente e à qual se associa.” De tal forma, o clítico *-mente* se une a outro elemento, configurando um advérbio.

Assim, a cliticização ocorre de forma a transformar um elemento – no caso desta investigação, um adjetivo – que possui qualidades mais lexicais em um elemento que abandona essas características para assumir uma forma mais gramatical, tornando-se um sufixo, que em seguida está sujeito a se acoplar a outros elementos. Na medida em que este processo acontece, o grau de coesão aumenta em níveis distintos. Na escrita, quando separado do elemento (adjetivo + espaço em branco + *-mente*) apresenta baixo grau de coesão (por *nova mente*, exemplo); quando ligado por algum sinal gráfico (adjetivo + hífen/traço/barra + *-mente*) possui algum grau de coesão (*igualmente*, por exemplo); e, por último, quando ligado diretamente (adjetivo + *-mente*), com alto grau de coesão (*somente*, por exemplo). Isso ocorre devido ao fato de o *-mente* possuir inclinação para uma cliticização junto ao adjetivo que o precede (COHEN, 2010, p. 60-61).

A cliticização é um processo que envolve a perda da independência do item em questão, isto é, da sua autonomia, como assevera Nascimento (2009, p. 1913). O apontamento da autora é direcionado aos clíticos pronominais, mas pode ser considerado para os casos que serão analisados aqui. Além disto, a cliticização pode ocorrer de duas maneiras: da esquerda para a direita

3 No original: “Syntactic process or historical change by which a word becomes a *clitic.”
Em seguida: “a grammatical element treated as an independent word in syntax but forming a phonological unit with the word that precedes or follows it.”

(como em: ‘a amo’) ou da direita para a esquerda (amo-a). De acordo com Gerlach (2002, p. 3), quando acontece da primeira maneira, é definido como *proclítico*, da segunda forma, é chamado de *enclítico*. No caso do *-mente*, a cliticização é unicamente da esquerda para a direita, pois o *-mente* sempre sucede o adjetivo ao qual se liga, como em *perigozamente* (AS; 5r-183), *diariamente* (M 17v-527), *infalivelmente* (SF 44v-2330), sendo, assim, definido como *enclítico*.

Segundo Nübling (apud GERLACH 2002, p. 3-4), os clíticos assumem duas formas: simples e especial, que são fases, nesta ordem, para um clítico se tornar, mais tarde, um afixo. Assim, seria inicialmente um clítico simples, que é aquele que conserva sua independência. Ele se transforma em um clítico especial quando perde essa completude e possui relação de dependência com seu hospedeiro e, por fim, seria um afixo. Assim, no processo de cliticização, antes de se tornar um clítico, o elemento em questão é apresentado como uma palavra independente e funcional que, logo, é reduzida em discurso. A partir do momento que essa redução se torna frequente, o elemento se transforma em um clítico simples para, em seguida, assumir o papel de clítico especial (apud GERLACH 2002, p. 28). O autor ainda argumenta que essa evolução afeta o item em níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Assim, a gramaticalização é identificada como uma etapa do processo de cliticização: ela é responsável pela transformação de palavras em clíticos, os quais se tornaram afixos mais tarde, concluindo o desenvolvimento da cliticização, o que é apontado por Traugott (2003, p. 204): “A ideia é que os processos de gramaticalização criam clíticos e, em seguida, afixos que se ligam a radicais na ordem em que originalmente ocorreram como palavras independentes”⁴. Desta forma, os dois processos estão conectados e são indissociáveis. Por isto, o *corpus* de *-mente* foi analisado considerando ambos

4 No original: “The idea is that processes of grammaticalization create clitics and then affixes that attach to stems in the order in which they originally occurred as independent words”.

os processos, utilizando os procedimentos que serão vistos a seguir, na Metodologia.

Não se pode deixar de apontar, enfim, o alerta feito por Basílio (1998, p. 17) de que “a análise de formações em *-mente* como derivações sufixais é problemática.” No entanto, a própria autora acaba desqualificando a hipótese de produtividade flexional, absoluta ou relativa (p. 22), concluindo que a análise do *-mente* precisa levar em conta a realidade funcional.

2. Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver a pesquisa partiram da análise do *corpus* selecionado. Primeiramente, foi feito um quadro de organização de todas as ocorrências para a identificação e definição dos elementos que seriam comparados e avaliados mais tarde. As identificações e definições foram quanto:

- a) às classes morfológicas e os gêneros dos itens que se acoplam ao *-mente*.
- b) à forma gráfica, na escrita, de ligação entre o *-mente* e o elemento anterior

A partir de (a) e (b), foi feita uma análise sintática detalhada de todas as ocorrências do *corpus* de acordo com Neves (2011). No entanto, com o andar da investigação, ela acabou sendo deixada de lado também, para se aplicar a proposta de Cohen (2010).

Cohen(2010), contrapõe o português setecentista como contemporâneo, utilizando-se de pistas gráficas para analisar a gênese do sufixo *-mente*, sob a perspectiva de reanálise de Harris e Campbell (1995)⁵. A gramaticalização também serve de base para a melhor compreensão da coesão entre o *-mente* e outros elementos da língua. A partir da análise das ocorrências, a maioria

5 HARRIS, T.; CAMPBELL, L. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Nova York: CUP, 1995.

delas abreviadas, a autora propõe uma escala de coesão dos advérbios modais em *-mente* (p. 67), comprovando a vantagem do entrelaçamento das teorias de gramaticalização e reanálise, que é a de alcançar “o resultado do processo histórico que é a existência de um sufixo modal *-mente* na língua portuguesa” (p. 71). Apesar das diferenças entre este estudo e o da autora – nosso *corpus* é muito maior, sem abreviaturas nas palavras terminadas em *-mente* – a sua abordagem do problema usando das pistas gráficas foi a que melhor dava conta de alcançar nossos objetivos.

3. Descrição e análise de dados

Nesta seção, os procedimentos metodológicos serão aplicados afim de alcançar os objetivos específicos já citados na Introdução: compreender o processo de cliticização, verificar se o processo de cliticização já estava finalizado no século XVIII, testar a proposta de Cohen (2010).

3.1 Classe morfológica e gênero do elemento combinado ao *-mente*

Os itens lexicais que se unem ao *-mente* no português do século XVIII são sempre adjetivos:

Classe morfológica e gênero	Nº	%	Exemplos
Adjetivo uniforme	91	52	<i>igual, só, prudente</i>
Adjetivo feminino	84	48	<i>immediacta, valida, junta</i>
Total	175⁶	100	

Tabela 1: Classe morfológica e gênero do elemento combinado ao *-mente*

6 Foi encontrado no *corpus* o uso do item *só*, que assumiu as mesmas funções, podendo ser substituído pelo advérbio *somente*. Entretanto, ele não foi incluído nas análises deste trabalho, deixando margem para futuros estudos comparativos entre os elementos *só* e *somente*.

Como a tabela deixa claro, os usos de elementos adjetivais como base para combinação com *-mente* são absolutos. Assim, os casos coletados se dividem entre os adjetivos uniformes, que possuem uma única forma, não apresentando gênero (52%) e os adjetivos femininos, com 48% das ocorrências. Alguns casos de adjetivos femininos combinados ao *-mente* são (1) e (2), *pronta* e *severa*, respectivamente:

(1) He também da obrigação do Th esoureiro acu[d]ir **promptamente** á Igreja, quando tocar ao Senhor fora (SS; 8-218)

(2) Nenhum Irmam entrará emcazadeJogo, edemulher meretriz, nem ainda hirá aadvertimentos profannos, com o Habito daOrdem, equando ofassa, será castigado **sevêramente**, aoarbitrio daMeza. (SF; 8v-263)

Para Lopes (2010), a base dos advérbios em *-mente* ser constituída por adjetivos femininos se explica pelo fato de o nome *mente* ser originalmente feminino no latim, deixando resquícios que permitem a concordância do gênero do adjetivo. Rio-Torto (2016, p. 391) assevera que “A forma da base adjetival selecionada é a feminina, quando o adjetivo admite marcação formal de gênero”. No entanto, o português setecentista não apresentou esta característica em sua totalidade, pois a maior parte dos advérbios se combina com adjetivos uniformes. Mas continua sendo uma base adjetiva, estando parcialmente de acordo com os apontamentos das autoras para o português atual. Alguns casos com adjetivos uniformes são:

(3) Tra[sl]ado da approvaçãõ na parte Religiosa de dous Artigos deCompromisso cujo theor é **originalmente** Artigo Primeiro. (AS; 13r-538)

(4) o Reverendo Padre Commissario lhead'vertirá que deve sahir por então para fora, para sevotar **Livremente**, esetomarão os vottos naforma quepara amais Elei= **ção** sepratica. (SF; 26r-1284)

1.2 Forma de ligação entre o *-mente* e o elemento anterior

Conforme Cohen (2010, p. 59), a coesão entre constituintes é um dos aspectos em jogo na gramaticalização: ao se gramaticalizar, a estrutura se enrijece; no fenômeno em questão, diminuem as ocorrências do adjetivo separado por um espaço do *-mente*. Como se verá na tabela abaixo, mais de 90% das ocorrências apresentam o *-mente* ligado ao elemento anterior sem nenhum espaço entre eles. Assim, a autora utiliza-se de pistas gráficas para analisar o *-mente* do português do século XVIII, como é feito aqui. A coesão que une o *-mente* ao adjetivo anterior a ele é realizada pela cliticização.

Percebe-se que o *-mente* se apresenta graficamente de três formas em relação ao adjetivo que o antecede, de acordo com Cohen (2010):

a) não há ligação gráfica entre o *-mente* e o adjetivo, havendo um espaço em branco entre eles. Consequentemente, a coesão é baixa, não tendo havido cliticização. Total de nove ocorrências: *desente mente*, *annual mente* (2 ocs.), *diaria mente*, *desente mente*, *geral mente*, *nova mente*, *paternal mente*, *prudente* (adjetivo sem *-mente*, mas na seguinte estrutura: “adeclarar prudente, esecretamente aotalNoviço” (SF 10r-350));

b) há ligação gráfica com o uso de um hífen entre o *-mente* e o adjetivo, já sido iniciada a cliticização. O nível de coesão é alto. Total de sete ocorrências: *annual-mente*, *facil-mente*, *fiel-mente* (2 ocs.), *igual-mente*, *imediate-mente*, *inteira-mente*;

c) há ligação gráfica entre o *-mente* e o adjetivo, que compreendem uma única palavra, tendo sido finalizada a cliticização. O nível de coesão é muito alto. Exemplo: *especialmente* (SF 37r-1918), de um total de 162 ocorrências.

Assim, propõe-se a tabela abaixo:

Coesão	baixa	média	alta	Total
Cliticização	Início do processo	Em processo	Processo concluído	
Ligação com o item anterior	Espaço em branco	Ligado por hífen	Sem espaço algum	
N.	9	7	159	175
%	5,1	4	90,9	100

Tabela 2: Escala de coesão dos advérbios em *-mente*

Acima, é possível observar a predominância de advérbios em *-mente* que se formam acoplados diretamente ao elemento anterior a eles, sendo 90,9% dos casos. Isto ilustra a presença marcante da gramaticalização já no século XVIII, uma vez que o advérbio ganha característica mais gramatical e o *-mente* já atua como sufixo. O restante dos casos, sendo 4% dos casos com separação do *-mente* do elemento anterior por hífen ou outro sinal e 5,1% dos casos tendo o elemento anterior separado por espaço em branco do *-mente*, é resquício do *-mente* como um elemento mais lexical ainda nesse século.

A seguir, exemplos de cada caso, respectivamente:

(5) pois asim como **àMeza** pertence oacetallos, **igualmente** lhedeve pertencer aexpulção dosdelinquentes. (SF; 27v-1369) - adjetivo e *-mente* ligados sem espaço

(6) Capítulo 2º **Annual-mente** na vespóra dafesta de Nossa Senhora das Mercês sefarão as Eleiçoens (SM; 11r-336) - adjetivo e *-mente* ligados por hífen

(7) Este he o Com primicio da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos homens Crioulos naturaes do Brazil, e **principal mente** doArrayal do Tejuco Comarca do Serrofrío (SM; 9v-298) - Espaço em branco entre o *-mente* e o adjetivo anterior a ele

Como a grande maioria (90,9%) dos advérbios em *-mente* apresentam alta coesão, podemos afirmar que o processo de cliticização no século XVIII já estava bastante desenvolvido, mas ainda não finalizado (9,1% dos casos).

Será preciso analisar os séculos anteriores e posteriores, em outro momento, para se entender melhor o processo, levando-se em conta este critério.

1.3 Aplicando Cohen (2010) aos dados do século XVIII

Cohen (2010, p. 69) indica que a terminação dos adjetivos anteriores ao *-mente* poderia apresentar um padrão e fazer parte do processo em andamento. Para ela, os adjetivos terminados em vogal já seriam cliticizados na época e a escrita refletiria a completude do processo. Já aqueles terminados em consoante lateral ou vibrante não estariam ainda cliticizados naquele momento. Em relação ao nosso *corpus*, foram encontrados os seguintes dados:

Grafema/ Ligação com o <i>-mente</i>	Com espaço	Com hífen	Sem espaço	Total	%	Exemplo(s)
<i>-a</i>	2	2	93 (96%)	97	55,4	<i>inteira-mente;</i> <i>voluntaria mente</i>
<i>-l</i>	5	5	51 (84%)	61	34,9	<i>fiel-mente;</i> <i>paternal mente</i>
<i>-e</i>	1	0	11 ⁷ (92%)	12	6,8	<i>desente mente</i>
<i>-r</i>	0	0	3 (100%)	3	1,7	<i>Particularmente</i> (todas as 3 ocs.)
<i>-s</i>	0	0	1 (100%)	1	0,6	<i>Eficasmente</i>
<i>-o</i>	0	0	1 (100%)	1	0,6	<i>somente</i>
Total	8	7	160	175	100	

Tabela 3: Grafema final dos adjetivos relacionados ao *-mente*

7 Não foi levada em conta a seguinte ocorrência de *prudente*, por não ser possível analisá-la com segurança: “erecomendamos aonosso Reverendo Padre Commissario, tome aseucargo adeclarar *prudente*, esecretamente aotalNoviço, arezoluçam daMeza” (SF 10r-350).

Os dados coletados demonstraram que as raízes consonantais *-r*, *-s* e a raiz vocálica *-o* possuem maior predisposição para a cliticização, comprovado pelo fato de que todos os seus casos são de advérbios em que o adjetivo e o item *-mente* já estão completamente cliticizados.

Os casos coletados em que a raiz vocálica é *-a* (55,4%) – adjetivos com essa terminação também apresentam a forma em *-o* do masculino, já que são biformes, indicando uma escolha feita pelo usuário da língua para a composição dos advérbios – exibiram uma tendência de 96% para a cliticização. As raízes com esta terminação contiveram dois casos em que o adjetivo estava separado por espaço do *-mente* e dois casos nos quais o adjetivo estava separado por hífen do item. Em seguida, temos os casos em que a terminação é *-e*, com propensão à cliticização em 92% dos casos. O caso que não estava cliticizado das ocorrências com essa terminação vocálica é de separação por espaço.

Por fim, há casos nos quais a terminação vocálica é uma consoante lateral, nas quais 83,6% das vezes o *-mente* se assume como sufixo. Essa foi a raiz que se apresentou nos adjetivos que menos se cliticizaram com o *-mente*, apresentando a maior partes dos casos de clíticos simples (cinco ocorrências) e de clíticos especiais (também cinco ocorrências).

4. Resultados

Diante das análises desenvolvidas, é possível refletir sobre os objetivos propostos. Foi observado um fator que explicita e confirma o processo de cliticização em ação: a estrutura que as formações em *-mente* apresentaram. Isto é, a maneira como o *-mente* se liga ao seu elemento anterior, que, juntos, formam o advérbio. No português contemporâneo, o *-mente* se liga de forma direta ao elemento que o antecede, “em que adjetivo + sufixo são coesos e cliticizados” (COHEN, 2010, p. 66). Nas ocorrências encontradas, o *-mente* apresenta todas as formas pelas quais o item passa durante o processo de cliticização. As etapas são: o início do processo, quando o item está separado

graficamente do adjetivo com o qual estabelece uma relação (sendo um clítico simples); o decorrer dele, quando o *-mente* se conecta ao elemento anterior através do hífen (clítico especial); e, por fim, o momento no qual se conecta diretamente, sem espaços ou grafemas, ao adjetivo (afixo).

Assim, a relação proposta por Cohen (2010, p. 67) acerca da coesão e sua relação com a forma à qual os advérbios se conectam indica que aqueles advérbios que apresentam o adjetivo e o *-mente* separados por um espaço não estariam cliticizados e, portanto, apresentariam menor coesão entre si. A coesão é tão baixa – em relação às ocorrências em que há ligação visual, física, isto é, sem espaço – que há um espaço embranco entre o adjetivo e o *-mente*. Entretanto, é possível perceber através das análises que esse tipo de formação apresenta, sim, coesão, mas em baixo nível. Quando adjetivo e *-mente* se separam por um espaço, apresentam a formação inicial do que será um advérbio posteriormente. É neste momento que o *-mente* inicia sua perda lexical e, conseqüentemente, adquire alguma coesão, mesmo que em baixo nível. Um fator que atesta isto é que mesmo separados os adjetivos são femininos ou neutros, ou seja, o adjetivo se combina em gênero com o *-mente*, o que é um indício de coesão. É o que acontece no exemplo (24):

(8) e assim **não haverá nesta Irmandade se não hum Irmão que haja de pedir diaria mente** por este Arrayal (SM; 17v-527)

De acordo com Bechara (2001, p. 293), “se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino”. No caso mostrado, o adjetivo pode ser encontrado em formas no feminino ou no masculino (*diária* e *diário*), mas o feminino foi o escolhido para combinação com o *-mente* --*diária mente*, não existindo estruturas do tipo **diário mente* ou **diário-mente --*, o que demonstra algum nível de coesão. Esses casos, de baixa coesão, totalizaram 5,1% (9 ocs., cf. tabela 2) do *corpus* investigado. Devido à pouca coesão, estes são identificados como clíticos simples.

No século XVIII, em todas as ocorrências, sem alguma exceção, não há nenhum tipo de constituinte entre o *-mente* e o adjetivo ao qual ele se une. No século XV, em português arcaico, no entanto, foram encontradas duas ocorrências em 98 (apenas 2% dos casos⁸) do *corpus* selecionado, o guia astrológico *De magia* (DUCHOWNY, 2014). Em ambos os casos, o constituinte é a preposição *en*, presente entre o verbo e o *-mente* e, em um deles, há, também, o pronome *estos* (destaques nossos):

- a) e outrosi **tuberon en mentes** os sabyos ena ordem sesena das eštreas fisas que son en cada signo en deryto do zodiaco e acharon muytas eštreas pequeninas amontoadas (p. 36)
- b) e **tuberon en estos mentes** os sabyos e falaron que as pranetas que e ran en suas casas segundo dito e que adebdan suas propedades melhores muy con grande força (p. 36)

Essas formas não chegaram ao século XVIII, o que mostra que, no século XV, a interpolação (VITRAL, 2006) – a quebra da união do verbo com o *-mente* por outros constituintes – demonstraria que o processo de cliticização ainda estaria em curso. Então, a ausência desse tipo de estrutura no século XVIII aponta que o processo estaria próximo ao fim.

Em seguida, foram vistas as ocorrências nas quais a coesão se apresenta em nível médio. Estes são os casos considerados clíticos especiais, pois já demonstram maior dependência em relação ao seu hospedeiro, o que acontece através da ligação por hífen, como no exemplo (25):

(9) ede nunca declinarem da Jurisdicção do Gram Mestrado da ordemdeChristo, acuja Jurisdicção eštam **imediate-mente** sugeitas todas as IgreijaseCapelas doDominio do Brazil (SA; 10v-444)

8 Baixa frequência que poderia explicar o fato de a construção não existir mais no português atual, pois a repetição frequente tem papel importante para algumas mudanças linguísticas: à medida que um termo é frequentemente utilizado, ele tende a se automatizar, passando a funcionar como uma única unidade de processamento (BYBEE, 2003).

Neste caso, o hífen estabelece uma ligação direta entre o adjetivo e o *-mente*. Ocorrências como esta foram menos frequentes no *corpus*, um total de 4% (Tab. 2). Por fim, os casos que apresentam um alto nível de coesão, nos quais o *-mente* se qualifica como um sufixo, foram maioria no século XVIII de acordo com os documentos vistos, sendo 90,9% dos casos (Tab. 2). O caso (26) ilustra isto:

(10) Assimquesouber oProcurador que algum Irmam está infermo **gravemente**, será o= brigado ahir logo vezitalo (SA; 5v-202)

Desse modo, no caso anterior, *-mente* é um sufixo, se juntando ao adjetivo *grave* para construção do advérbio *gravemente*. Diante dessas reflexões, é possível propor a seguinte escala de evolução do item *-mente*, com base no esquema de Hopper e Traugott (1993, p. 7: item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional):

Substantivo no caso ablativo (Latim) > Clítico simples > Clítico especial > Afixo

O afixo é a forma presente em maioria no século XVIII e em totalidade no português atual⁹.

Para identificar o momento histórico no qual o *-mente* se apresentava majoritariamente como um clítico simples, é necessário o estudo de ocorrências de séculos anteriores ao XVIII. Apesar disto, a escala pode ser sustentada pelo fato de que no português do século XVIII foi verificado a existência das três últimas etapas deste processo. Assim, no momento em questão, é vista a cliticização em ação.

9 Gondim (2015) faz uma proposta muito semelhante à nossa, mas sob o viés da lexicalização: *Latim clássico* as construções adjetivo + *mente dão os los passos em direção à lexicalização* > *latim vulgar* generalização dessas perífrases, com poucas ocs. da construção adjetivo + *mente* > *romance* os advérbios em *-mente* concluem o processo de cristalização. No latim, para a autora, ainda não houve fossilização/cristalização/idiomatização.

Com estes apontamentos, é possível estabelecer uma relação com a teoria de Nübling (apud GERLACH, 2002, p. 27) para melhor compreender o processo de cliticização do item *-mente*. O *-mente*, no latim, se comportava exclusivamente como um substantivo no caso ablativo, “se dizia, portanto, *sana mente*, ‘com mente sã’” (COHEN, 2010, p. 60). Logo, houve a redução lexical da forma antes completa, que se mostra como a redução da palavra em discurso, que é apontada por Nübling (apud GERLACH, 2002, p. 28) como uma das mudanças sofridas pelos clíticos. Este processo é identificado como o início da gramaticalização do item, de modo que esse é uma das etapas do desenvolvimento total de cliticização identificado ainda no português do século XVIII.

Entretanto, diferentemente dos elementos analisados por Nübling e Gerlach, o item *-mente* não sofre tanto com algumas reduções e mudanças nos diversos níveis linguísticos como outros clíticos. Os clíticos analisados por esses autores sofreram reduções fonéticas e mórficas, assim como outras. Um exemplo do português é *no-lo* que se transforma em *nos* (NÜBLING 1992 apud GERLACH 2002, p. 167). O *-mente* se mantém parcialmente em suas estruturas fonética e morfológica no português do século XVIII, pois não houve mudança na estrutura do próprio item, como uma redução, por exemplo. Os níveis fonético e morfológico se alteram parcialmente com o acréscimo do adjetivo para a formação do advérbio. Nas ocorrências do *corpus* analisado, isto se confirma através da conservação de sua estrutura e pelo fato de poder se relacionar com o adjetivo que o precede sem necessariamente estar acoplado a ele. É o que se pode observar com o adjetivo *prudente*, no exemplo a seguir, única ocorrência em todo o *corpus*:

(11) ercomendamos aonosso Reverendo Padre Commissario, tome aseucargo adeclarar **prudente**, esecretamente aotalNoviço, arezoluçam daMeza (SF 10r-350)

O adjetivo *prudente* se distancia fisicamente, no papel, com a interpolação de “esecretamente” do item mas assume a mesma função

adverbial do advérbio seguinte, que está diretamente conectado ao *-mente*. Segundo Neves (2011, p. 281), “Numa sequência de advérbios em *-mente*, pode-se dispersar esse sufixo nos primeiros advérbios e usá-lo só no último: (...) ainda precisa ascender humana e politicamente”. O que ocorre é que a sua cliticização se mostra de maneira diferente, não sendo possível aplicar completamente testes de elementos que sofreram esse processo de outras formas. Bechara ainda aponta que esses advérbios “ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição” (2001, p. 293).

Além disso, para Cohen (2010, p. 69), são cliticizadas, primeiramente, as raízes vocálicas *-e*, em seguida as raízes *-o > -a*, nesta ordem e, por fim, as raízes terminadas em consoante lateral ou vibrante (*-l; -r*). No entanto, nas ocorrências do século XVIII, os resultados foram quase o oposto do que os encontrados pela autora. Para a autora, a ordem de predisposição para a cliticização no português do século XVIII seria: *-e > -o > -a > -l; -r*. Porém, de acordo com o *corpus* deste trabalho e as análises feitas (tab. 3), a ordem encontrada foi *-r; -s; -o > -a > -e > -l*. Em seguida, as raízes vocálicas em *-a*, depois em *-e* e, finalmente, as raízes consonantais em *-l*. Assim, é possível apontar que terminações consonantais *-r* e *-s* e, a raiz vocálica *-o* (neutro) foram as primeiras a se cliticizarem ao *-mente*, ao contrário do que indicaram os dados da autora.

Por fim, devido aos dados apresentados nas análises, é possível concluir que o *-mente* já se encontrava em processo final de cliticização no século XVIII, pois, na maioria das ocorrências (90,9%), se apresenta como afixo, estando acoplado absolutamente ao adjetivo de união. Não é possível afirmar que a cliticização esteja concluída devido ao fato de que ainda existem ocorrências de *-mente* enquanto clítico simples e especial, mesmo que em um número reduzido de casos (9,1%).

Considerações finais

Para se alcançar o objetivo principal proposto de compreender o item *-mente* no português do século XVIII, sob a perspectiva da cliticização, respondeu-se negativamente à pergunta propulsora “Qual a situação da cliticização dos advérbios em *-mente*, no português do século XVIII? Eles já teriam finalizado seu processo de cliticização?”. No português setecentista, ainda podemos encontrar estruturas em que a cliticização não é completa e finalizada, mesmo que em número baixo. Os objetivos específicos também foram alcançados, os quais repetimos aqui: a) compreender o processo de cliticização, b) verificar se o processo de cliticização já estava finalizado no século XVIII e c) testar a proposta de Cohen (2010). Apesar de muitos trabalhos sobre o item *-mente*, fica evidente a necessidade, ainda, de mais estudos, para que o entendimento da evolução do item se torne mais completo ainda.

Referências

ALMEIDA, V.; CARVALHO, M.; SILVA, J. Advérbio em *-mente*: processo morfológico concluído ou em andamento? **Revista de Letras**, v. 1, n. 2, ano 1, nov. 2008. p. 34-47. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/947>>. Acesso em: 19 set. 2020.

BASÍLIO, M. Morfológica e castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 14, n. 3, p. 15-25, 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43389/28849>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

CAMPOS, J. L. A origem latina dos advérbios em *-mente*: um processo de gramaticalização. **Guavira Letras**. v. 13, n. 1, p. 109-123, 2011. Disponível em: <<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/189>>. Acesso em: 19 set. 2020.

CASTILHO, A. et al. O advérbio. In: CASTILHO, A. (Coord.). **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 267-309.

COHEN, M. A. A. de M. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e reanálise de *mente*. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-74.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCHOWNY, A. T. et alii. **De Magia** (*Ms. Laud Or. 282*, Bodleyan Library): edição e glossário. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014. 447 p. Disponível em: <http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_5.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2022.

DUCHOWNY, A. T.; COELHO, S. M. **Edição semidiplomática e fac-similar de documentos adamantinos setecentistas**. 2 v. Belo Horizonte: Laped/Fale/UFMG, 2013.

FONTES, S. Ordenação dos advérbios em *-mente* na *Gazeta de Lisboa* (séculos 18 e 19). **Revista da Anpoll**, n. 39, p. 141-153, jul./ago. 2015. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/913>>. Acesso em: 4 out. 2020.

GERLACH, B. **Clitics between Syntax and Lexicon**. *Linguistik Aktuell/ Linguistics Today*, v. 51. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GONÇALVES, S.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GONDIM, E. M. O grau de composicionalidade dos advérbios em *-mente*. **Cadernos de pós-graduação em letras (Mackenzie)**. v. 15, n. 1, p. 175-187, 2015. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9424>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

HOLANDA, Aurelio Buarque de. **Dicionário iaulete**. São Paulo: Lexikon, s/d. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: CUP, 1993.

LOPES, C. R. dos S. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. M. (Orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 275-314.

MARTELOTTA, M. E. Ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 11-26, 2006. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33211>>. Acesso em: 5 out. 2020.

MARTELOTTA, M. E.; VICEK, N. Advérbios qualitativos em *-mente* em cartas de jornais do século XIX. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-21, junho de 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/4379/3151>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MATTHEWS, P. **The concise Oxford dictionary of linguistics**. Oxford: OUP, 1997.

MAURER, T. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Academia, 1959.

NASCIMENTO, I. B. do. “‘Cê’ nu tá se cliticizando?” Processos de cliticização e mudança linguística no PB. **Anais - VI Congresso Internacional da Abralín**. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1911-1919. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Ivanete%20Bel%C3%A9m%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

NÜBLING, D. Klitika im Deutschen. **Schriftsprache, Umgangssprache, alemannische Dialekte**. Tübingen: Gunter Narr, 1992 (apud GERLACH, B. Clitics between Syntax and Lexicon. **Linguistik Aktuell/Linguistics Today**, v. 51. Amsterdam: John Benjamins, 2002).

RIO-TORTO, G. Formação de advérbios em *-mente*. In: RIO-TORTO et al. **Gramática Derivacional do Português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 391-409. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13485/3/Gram%c3%a1tica%20Derivacional.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2020.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

TRAUGOTT, E. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Orgs.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 624-647.

VIGÁRIO, M. Cliticização no português europeu: uma operação pós-lexical. Universidade do Minho, **Actas do XIV encontro nacional da APL**, v. 2, 1998, p. 577-598. Disponível em: <<https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1998-43.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

VITRAL, L. A interpolação de SE e suas consequências para a teoria da cliticização. In VITRAL, L.; RAMOS, J. (Orgs.). **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 89-118.